

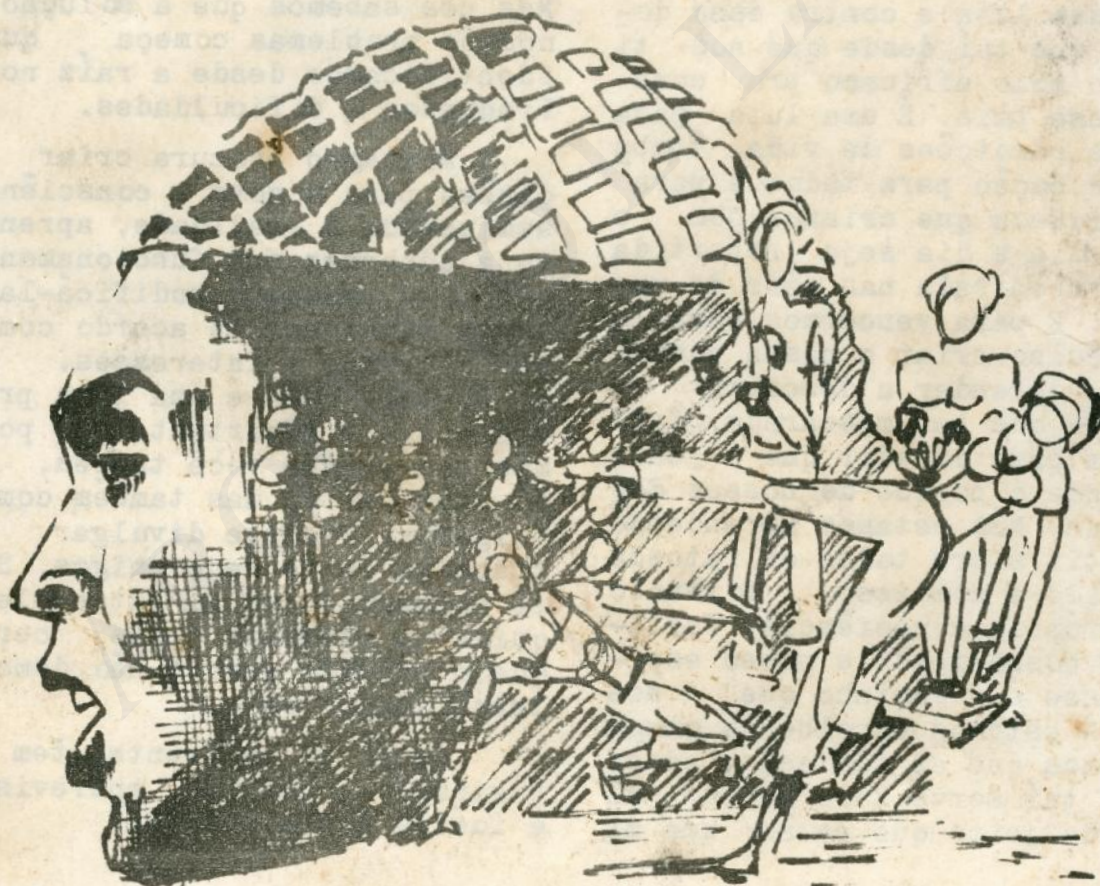
nº 7  
ano II  
1979

# JORNAL

orgão de divulgação da FEABESP  
rua maria jose - 450 , bela vista - são paulo

QILLETU  
QIL PUKY

negritude é prá  
ser mais vivida  
e não reivindicada  
(pág. 4)



SOMBRA: "GÍNGA"  
(pág. 10) e  
MANDINGA

JM

## AO LEITOR

Há quanto tempo, hem? Depois de 4 meses de ausência aqui estamos novamente porque apesar de todas as barreiras e preciso continuar, insistir. O que está em jogo é muito mais que fazer um jornal, o fundamental é que JORNEIRO seja parte da luta pelos nossos direitos e valores. E como tem sido difícil cada passo! São tantas as descrenças, é preciso tanta paciência para vencer a alienação e o conformismo! Mas o importante é seguir em frente desde que a gente saiba porque luta, contra o que se luta e como se preparar.

Nossa luta é contra essa dominação que tá desde que nos tiraram do solo africano pra construir esse país. É uma luta para que haja condições de vida, trabalho e educação para todos e para que a riqueza que criamos com o suor do dia a dia seja repartida e não concentrada nas mãos de uma minoria. E para vencermos essa luta é preciso criar a nossa consciência, aprender a descobrir a realidade que tá mascarada, falsificada para impedir que a gente compreenda o porque de nossas desvantagens. Nós estamos aprendendo a refletir sobre todos os fatos de nossa vida e com isso formando nossa própria consciência, fortalecendo nossa mente e nosso espírito. Esse é o caminho que nós próprios estamos escolhendo porque percebemos que as idéias, a educação que tá serve para manter as coisas do jeito que estão: uma mi-

noria que tá com tudo, faturando, em cima da gente e dizendo que tá tudo jóia. E a gente sempre embaixo, no sufoco e ainda pisando um no outro pra ver quem fica com as migalhas.

Numas das últimas cartas recebidas uma respeitável leitora nos acusa de fazermos lamentações. Como ela está enganada! Lamentação nunca nos interessou. Estamos identificando as raízes de nossas desvantagens e fraquezas, pondo o dedo na ferida. Chocante! É tem gente que prefere não ver as cores fortes da realidade. Mas nós sabemos que a solução de nossos problemas começa quando identificamos desde a raiz nossas fraquezas e dificuldades.

Jornegro procura criar condições para a nova consciência, esmiuçando a realidade, aprendendo a conhecer seu funcionamento para que possamos modificá-la, fazê-la funcionar de acordo com nossos direitos e interesses. Pois é, leitor, essa é uma luta pra todos nós e é importante que possamos contar com você também, não só como leitor mas também como divulgador. Procure divulgar este trabalho entre seus amigos. Se você conseguir que um entre eles adquira um exemplar temos certeza que o próximo número não demorará tanto quanto este.

Agora vá em frente, tem 20 páginas de notícias, entrevistas e idéias a seu dispor.

---

EXPEDIENTE: Jornegro, publicação da Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo-FEABESP. C.G.C.49.328.925/0001. Rua Maria José, 450 - Bela Vista - Caixa Postal 2.686 - São Paulo SP. EDITOR: Odacir de Mattos EQUIPE-TRABALHO Jamu Minka, Luiz Silva (Cutí), H. Cunha Jr., Isidório, Inês, Cristina, Lucia. ILUSTRAÇÃO: Jacques Felix Trindade. ORGÃO DE CIRCULAÇÃO INTERNA. Set/79.

---

# FECONEZU

## II

FECONEZU é a sigla com que simplificamos o nome " Festival Comunitário Negro Zumbi ". É o seu 2º ano de existência. O primeiro foi em Araraquara, com a participação de 12 entidades e presença de mais de 2.000 pessoas, em novembro de 1978.

O FECONEZU é um trabalho comunitário, de caráter coletivo, realizado pela Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo e pelas entidades que dela participam. O FECONEZU ocorre em novembro, em referência a Zumbi dos Palmares (20 de novembro) visando divulgar a nossa história, o trabalho, a cultura bem como incentivar, na Comunidade, a solidariedade e maior interesse e disposição para buscarmos juntos soluções para os nossos problemas.

A proposta é que o FECONEZU seja realizado anualmente, em cidades diferentes e sob a responsabilidade das entidades Afro-brasileiras da cidade de sua realização.

Este ano será em Ribeirão Preto-SP, sob a responsabilidade do C. C.R.B. "José do Patrocínio, do Grupo Travessia e do Grupo de Capoeira Cativoiro.

Duas razões importantes influenciaram nessa escolha: 1ª) Ribeirão Preto é uma das cidades de maior população negra do Estado de São Paulo e a 2ª) é que temos lá um Clube "José do Patrocínio", que possui sede própria e um imenso bosque, oferecendo todas as condições para a realização do Festival. Dessa forma faremos uma festa "em casa", sem depender de favores ou interferências.

A programação é a seguinte:

**MUTIRÃO** - 13 e 14 de outubro. O mutirão é muito importante, é a nossa maneira de ser através do trabalho coletivo. É uma forma de enfrentar de verdade muitas de nossas dificuldades.

**MESA REDONDA** - 23 de novembro. Proporcionar aos grupos e entidades a troca de informações e experiências práticas.

**JOGOS E BRINCADEIRAS COM CRIANÇAS.**

**MANIFESTAÇÕES COLETIVAS** - 24 de novembro. Batuques, samba de roda, partido alto, etc.

**APRESENTAÇÕES DE PALCO** - teatro, dança, poesia, etc. Maiores informações com:

**FEABESP** e **CECAN** - Caixa Postal 2686 - 01.000-São Paulo-SP; com Odacir e Isidorio, respectivamente.

**JOSE DO PATROCÍNIO** - Av. Paris, 61 - Jd. Independência - 14.100 - Ribeirão Preto-SP - a/c de Adria Maria Bezerra.

**IANA** - Rua José Bonifácio, 1348 - 14.300 - Araraquara-SP - a/c de Maria Nazaré Salvador.

**CONGADA** - E.F.S.C. - USP - Elétrica - 13560 - São Carlos - SP - a/c Henrique Cunha Jr.



# ribeirão preto



# GILBERTO GIL

*JM,  
Cuti e  
Oswaldo Aguiar F.*

O baile da Chic Show do dia 29 de julho passado foi um acontecimento marcante. Pintou Gilberto Gil com um som muito funky e com sabor Brasil e pôs todo mundo no balanço. A popularidade do artista mexeu até com o esquema tradicional da Chic Show que acolheu naquela noite parte do público branco de Gil que chegou a uns 2 % da platéia. Houve até um começo de tumulto porque esta minoria pretendia imobilizar parte do salão permanecendo sentada no chão, mas as coisas se ajeitaram e Gil pôs todo mundo pra dançar.

JORNENEGRO conversou com Gil e ele está aqui falando das emoções daquela noite no Palmeiras, explicando o boicote contra Refavela e comentando as afinidades de sua arte com o despertar mundial da consciência negra.

**JORNENEGRO:** Após o Festac (Festival de Arte e Cultura Negra - Nigéria) você fez declarações sobre as impressões que África lhe causou. Mas faltava algo que tá fluindo agora num som mais afro, num negócio tribal, mágico. Como é isso?

**GIL:** Eu queria mesmo que ficasse cada vez mais uma coisa assim. Uma intenção, um sonho, uma necessidade de tornar minha música cada vez mais tribal, comunizante, negra, no sentido de incorporar mais e mais elementos desse modo alegre que é típico das expressões africanas de arte. Tenho tentado na medida do possível fazer isso. Agora, radicalizar nesse sentido é muito difícil para qualquer um de nós que vive numa

sociedade ocidental, com vários matizes radicais e culturais. Por que, por exemplo, eu não sou só negro, não sou africano. Fora da África toda a negritude é coisa conseguida só com muito esforço, empenho. Não há mais o ser negro naturalmente, sem pensar nisso. Quer dizer, o problema de negritude fora da África é um problema de cuca. E através da cuca já fica muito complicado; é através do empenho, pelo econômico, político e social. Não é como se dissesse: de agora em diante sou preto e acabou. É difícil porque a sociedade não é preta, tá entendendo? E a África e seus valores está muito distanciada. Então tem sido uma luta, no meu caso, para ir conseguindo graus e graus



de desenvolvimento na busca dessa volta, que não deve ser, pra mim, uma coisa fanatizante, eu não quero. Eu sempre me recusei a me fanatizar em qualquer nível. Na época de universitário, com relação à política e às ideologias em geral e hoje também com relação à negritude. Então, na revitalização africanizante de minha arte eu sofro todos esses problemas, esses impedimentos pessoais. A gente sofre esses limites, principalmente uma pessoa como eu; porque você pega outros artistas negros no Brasil, eles tiveram uma vivência de condição negra maior que a minha. Eles nasceram em famílias negras em bairros negros, participando de coisas que eram restritas aos modos de vivência de cultura negra, ou pelo menos mais próximo daquilo que os negros podem reivindicar como seus. Eles nasceram nessa área, eu não! Sou filho de uma família mulata em todos os sentidos. Meus pais são mulatos de cor, de consciência e de cultura, puxando pro lado branco. Quer dizer, buscando a emancipação da família e dos filhos através de toda uma padronagem branca da sociedade. Meu contato com o câmbio e essas coisas todas só se deu na minha maioridade, quan

do eu já era homem feito, pai de família, etc. Ali na Bahia, todo aquele princípio de vida adulta foi muito dentro desse clima. Esse é o aspecto dos últimos cinquenta anos do pós-escravidão na negritude brasileira, essa coisa de que tem que se conseguir um nível de branqueamento sempre pra poder ser permitido conviver dentro da sociedade. Com excessão daqueles que foram realmente marginalizados, que tiveram que ficar confinados a guetos negros no Brasil, como favelas, etc., todos os negros que viveram essa coisa urbana brasileira, que puderam participar um pouco da vida econômica e social do Brasil, tiveram que se branquear numa determinada medida. Então, na minha música, o voltar pra uma negritude é um processo lento, difícil e doloroso.

JORNEGRO: Como tá sendo recebido essa africanidade cada vez mais expressada na sua arte?

GIL: É uma coisa dividida. Para muita gente é um negócio bacana. Pra muitos que acompanham e torcem pra que esse processo se acelere, é bacana; eles gostam de ver os degraus conquistados. Mas há uma outra área de brasileiros, não muito preocupados com esses problemas que não discutem negritude. Essas pessoas não gostam muito, sabe. Aham que certos aspectos mais brancos de minha música deveriam ser preservados. Eles se habituaram muito a confiar nessa coisa que a gente considera como civilizada, a música pitagórica, essa coisa do peso da Grécia, de Roma, o peso da Europa, do conquistador, do colonizador, do inventor dessa coisa chamada América, que foi o europeu. Enquanto isso, os negros, os caras do povo, mais simples, adoram. Agora, o pessoal já com a cuca elaborada a partir de universidades discute muito, coloca muitas dúvidas com relação a isso. E eu acho justo que seja assim, é a visão deles. E se eu mesmo tenho problemas com relação ao maior ou menor grau de minha negritude, imagine eles. De uma certa for

ma eles se sentem abandonados, se sentem ameaçados também. De uma certa forma eles têm ainda aquele negócio de moleque saci na cabeça, aquela coisa de que de repente um negro radicaliza do, completamente negro, é uma coisa ameaçadora.

JORNEGRO: A vingança do escravo ?

GIL: É... uma coisa assim. Eu sei que deve ter isso na mentalidade brasileira. Um certo cuidado, quase inconsciente, em não permitir que negritude seja uma coisa... clara. Clara (risos)! Exatamente, é isso mesmo. Na cabeça deles negritude tem que ser coisa escura, obscura, tá entendendo? Porque a negritude clara é aquela onde o preto é mais preto. Então eu tenho sempre falado, todas essas coisas de movimentos, de negritude, de reivindicação, de adensamento de qualidade política das unioes em torno de raça, é preciso, mas tudo isso tem que ser feito com muito cuidado. Não cuidado por medo do conflito, é o cuidado pra evitar equívocos, não confundir aspectos e mal interpretar contradições. A diáspora negra toda, isto é, os negros fora da África, tem que ter muito cuidado com esse negócio de africanização, principalmente por causa da própria África. É preciso prestar muita atenção até que ponto a África quer, necessita permanecer dentro desses padrões tradicionais africanos. Ela também já tá mudando, invadida que foi pelo mundo ocidental há mil anos atrás e ela não pode mais viver sem as coisas desse mundo. A gente tem que ir conforme um processo de andamento que a gente sinta que é natural, que é responsável, que é confortável pra cabeça e pro coração. É preciso criar uma satisfação da nossa negritude e não uma necessidade constante dela. A negritude tem que ser cada vez mais usufruída do que reivindicada. Na verdade a gente tem que partir muito mais pra agir no sentido de ser negro do que exigir ser negro.

JORNEGRO: Senão a gente tá só

no esquema do ter.

GIL: É exatamente, o mesmo esquema que é o que já está aí, e é Sistema demais.

JORNEGRO: Refavela foi marcante. Ele teve a promoção que merecia ?

GIL: Não. Foi um disco boicotado numa determinada medida. Houve várias áreas de boicote, uma delas foi a área comercial mesmo. Eu fiz o disco na Phonogram e quando o disco foi pra praça eu não era mais artista da empresa. Então, evidentemente, houve um desinteresse muito grande. Mas mesmo assim sua vendagem foi razoável, foi o LP meu que mais vendeu, por volta de 80 mil discos naqueles 6 meses de lançamento, mas tinha condições de vender muito mais.



Ainda teve a imprensa que caiu de pau em cima, por causa da atitude do disco que era black e eles na época estavam todos contra black, não contra negro, mas contra black, a consciência que vem e que é internacional e esta ligada a tudo e não é uma coisa brasileira só. Quer dizer, é um problema de negro no mundo inteiro; entra Cuba, Jamaica, entra a língua inglesa, espanhola, francesa, o português, entra tudo, é outra coi

sa. E isso tudo prejudicou um pouco o Refavela, mas eu acho que esse era o karma do disco, era esse o papel que ele tinha que representar.

**JORNEGRO:** Uma música que opes soal curte muito, Ilê Ayê; tinha gente no Chic Show esperando que ela pintasse. Por que não pintou?

**GIL:** Sinceramente, não me ocorreu em nenhum momento cantar ou não cantar. Se tivesse ocorrido eu tenho a impressão que eu teria tido o cuidado na escolha do cantar ou não. É muito óbvia, é uma música manifest o jocoso, irreverente, de negritude e, talvez, isso pudesse soar como uma provocação barata. Mas tenho a impressão de que ainda assim eu cantaria se tivesse me ocorrido. Esse repertório do Chic Show foi basicamente o repertório que fiz na América agora, porque essa banda foi formada para essa excursão pra lá. Eu acho que essa é uma das bandas mais black que tive. Primeiro, porque são todos pretos. Segundo, porque a gente tá tocando mesmo, a gente tá funky, tá entendendo?

Funky quer dizer fedorento, cheirando a suor, aquele cheiro de negro. Nos EUA uma coisa funky é um lugar que tem aquele cheiro de gente pobre, de gente que trabalha. Então funky ficou expressão de tudo que é suíngue, balanço negro, e nos sa música é funky agora; é pra branco e preto, pra todo mundo vê. Agora é funky, é mais negra.

**JORNEGRO:** Houve no Chic Show até um clima meio futebolístico, aquela energia de arquibancada...

**GIL:** Ah... sim, era meio futebol, meio decisão de campeonato. Era festa e não um show, não tinha aquela atitude respeitosa... Eram emoções baratas misturadas em vários níveis. Eu falei até isso lá. Por exemplo, as meninas ali desmaiando e tal. Elas queriam mais era aquilo. Era o crioulo que aparece na TV, que tem trancinhas, que é diferentão. É o crioulo, e a gente agora pode curtir ele,

porque a gente já saca o lance e a gente já tem grana pra vir aqui, já tem os lugares onde a gente pode vir, pra gente ser como a gente quer ser e o cara tá vindo aqui pô, e que barato é isso. E a emoção que eu sinto a partir disso! Era a necessidade de extravasar isso, tá entendendo?... O negro não é puritano. Na África não teve puritanismo, pensamento acumulativo puritano, o negócio de castrar o impulso sensual em prol de um utilitarismo materialista. A África não era assim, portanto os negros que vieram pra fora da África não são assim. Eles são outra coisa, e tudo isso entra em choque, é o grande choque cultural do mundo negro com o mundo branco, o que na verdade está se dando agora.





Desde 23 de janeiro de 1955, data em que foi inaugurado o monumento à Mãe Preta, no Largo do Paissandu, em São Paulo, vêm sendo realizadas ali comemorações no dia 13 de maio. Comparecem autoridades, saudações são feitas até este ano pelo responsável, Sr. Frederico Penteado, falecido em julho passado, e se conclui mais um festejo. Este evento quase sempre ocorre na harmonia e com agradecimentos à princesa, elogios àquelas mães negras que no passado foram forçadas a amamentar filhos dos donos de escravos.

Este ano a festa e o acordo (por baixo do pano) com a passividade receberam uma interferência crítica e aberta. Lá esteve o pessoal do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que, portando faixas com dizeres reivindicatórios e distribuindo uma carta aberta, deram novo sentido ao aconteci-

mento. Este fato foi relevante para os negros que lá compareceram, assim como para os ausentes. Ficou evidenciada a irritação do organizador e seu filho, este último inclusive investindo contra faixas para rasgá-las. Mas mesmo assim, o manifesto do Movimento foi lido, com uma brutal vontade do organizador. Houve portanto uma ação importante contra a subversão moral da nossa história, representada naquele monumento, visto que nada mais estampa se não a imagem da subserviência forçada, à qual dão o nome de bondade. E é com versos, de um tal Ciro Costa, melosos e apelativos à sentimentalidade que fica visível a intenção de criar e reforçar a imagem do "negro bom", sem ressentimento, sem maldade. Vejam só os versos da placa de bronze: "Mãe Preta/Na escravidão do amor a criar filhos alheios/Ras-

gou, qual pelicano o as maternais entranhas/E deu à Pátria Livre, em holocausto, os seios".

Ora, falar em escravidão do amor, chamar de bondade o silêncio mantido a chicote, e, dizer "deu...os seios", nada mais é do que tentar promover a imagem da passividade, tentar insinuar que nossas avós gostaram e muito de amamentar filhos alheios na marra.

O protesto já veio tarde. Mas antes dele, já havia um, tradicional, promovido por dentro, sem faixas e sem imprensa, um protesto cultural. Uma boa parte de nossa gente mudou o significado do monumento. A estátua é interpretada como Preta Velha, e lá estão as oferendas: pipocas, vela, etc. Isso mostra que há tempos estamos reagindo, de uma forma ou de outra, mesmo no silêncio.



## tição 2

"O grupo TIÇÃO está co-locando novamente a revista nas ruas. A sua feitura encontrou problemas que evoluíram desde a saída do primeiro número, em março de 78. Por tudo isso, ela só ficou pronta em janeiro de 79. E somente agora a revista Tição volta disposta a assegurar o espaço ocupado dentro da Comunidade Negra.

Mesmo assim, a expectativa em torno desta edição se justifica. Isto porque a revista representa um estágio do grupo, engajamento ao processo de análise e interpretação da realidade, em busca de uma participação mais efetiva na problemática vivida pela massa negra.

Endereço:  
Rua Domingos Crescêncio,  
408/101 - Porto Alegre-RS

## Gana

O Grupo de Divulgação da Arte e Cultura Negra está a todo vapor na elaboração do seu jornal GANA, já no nº 2, informando e debatendo as nossas questões com a moçada de Araraquara.

A criação de jornais voltados principalmente para a realidade de cada cidade, nos parece uma forma de informar e ampliar o debate e a participação das pessoas.

É isso aí pessoal.

Rua José Bonifácio, nº  
1348 - Araraquara/SP.

## encontro

No dia 14 de junho último os Grupos Vissungo, Malês e Metamorphose, na sede deste último à Rua Ida Romussi Gasparinetti nº 57/59 BR 116 - KM 19, Parque Laguna/Taboão da Serra-SP.

Desse encontro surgiram as propostas:

- levantamento de todo o nosso passado, baseado nas tribos africanas que para cá vieram;
- dialetos que se falavam;
- costumes, religiões;
- troca de informações entre os grupos;
- a linha política a seguir e outros

Não vamos julgar as propostas. Vamos ver a prática, que ensina e torna

as coisas reais, para aprendermos as lições necessárias.

## saiu o sinba 3

"Quando um grupo de pessoas se reúne, sem saber o que quer, nem o que pretende fazer, geralmente surge uma liderança despreparada e pouco legítima".

(Editorial do Sinba 3)

Endereço:  
Av. Men de Sá, 208  
Caixa Postal 627  
Rio de Janeiro - RJ

## Piracicaba

O Movimento Negro de Piracicaba, fundado em 19.04.79, realizou no dia 2 de setembro último, palestra do advogado Paulo Rui de Oliveira, na sede da Sociedade Beneficente 13 de Maio de Piracicaba, Rua 13 de Maio, 1118.

O pessoal entende que "refletir sobre o negro é mais que um dever. Não havemos de nos iludir. Se o 13 de maio aconteceu, ainda não se concretizou"

## FALA MESTRE



Sombra é um mestre, um verdadeiro mestre. Não só porque domina a arte da capoeira, mas porque procura transmitir através da capoeira o sentimento de respeito pela vida e pelos valores espirituais do homem em contato com seus semelhantes. E nesse sentido ele condena aquela capoeira tipo "da porrada", onde se estimula sangrar, estourar o outro. E ele explica: "Eu costumo dizer que existe 2 tipos de gente na capoeira: o capoeirista e o lutador de capoeira. O capoeirista é aquele consciente de si mesmo e do respeito. A capoeira veio de um rito, tem participação com o rito e existem as normas do jogo que têm que ser respeitadas. Então quando o capoeirista

tem ligação direta com nossa religião ele parte pro jogo com respeito porque a capoeira aprendeu a respeitar os mais fracos. E o lutador de capoeira é aquele que não respeita nada disso, é aquele que pega as coisas de fora, deturpando. A capoeira não necessita de elementos de outra luta; quando temos alguma coisa de sentimento, não ha nada que substitua."

COMO FOI SEU PRIMEIRO CONTATO COM A CAPOEIRA ?

S- "Eu tinha mais ou menos 12 anos. Lembro que na minha cidade, Santa Rosa do Lima, Sergipe, tinha uma praça aonde fiz os primeiros movimentos e me assustei quando meu cunhado falou que eu estava fazendo capoeira. Deste tempo para cá fiquei conscientizado. Procurei não largar mais. Hoje estou com quase 40 anos e me sinto como se tivesse 12, com a mesma vontade, sentindo que estou sendo descoberto por ver a capoeira-vida, liberdade, tudo aquilo que o homem queira: Capoeira."

NESSES ANOS TODOS O QUE ELA TEM SIDO PRA VOCÊ ?

S- "Acredito que nasci com ela e que sou um negro conscientizado. Tenho a prática dela há uns 20 anos. Olha, Capoeira é um rito e no início de uma roda o mestre canta uma espécie de ladai-

nha. Hoje bem poucos obedecem, não é que não saibam, é que eles acham esse tipo de mensagem chata."

QUAL A SENSAÇÃO QUANDO SE JOGA CAPOEIRA ?

S- "Olha, dizer como eu me sinto quando jogo é muito difícil. Difícil pelo fato de eu ver a capoeira como um todo e ela pra mim ser o sentimento do negro e difícil de ser dita."



QUEM FOI SEU MESTRE E QUAL O PAPEL DE UM MESTRE ?

S- "O meu mestre foi Bispo, nascido na Bahia, radicado em Santos. Faleceu em 1972. O papel de um mestre é, não só ensinar capoeira, mas transmitir aos alunos confiança, segurança, saber olhar o aluno com problema ou sem, valorizando sempre o mesmo. Ter um pouco de psicologia e relações humanas, para que o mesmo cresça com segurança."

SE CAPOEIRA É CORPO ÁGIL, É SAÚDE. QUAL A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO COM O CORPO ?

S- "Eu mesmo não bebo nem fumo porque pra quem pratica esporte isso é prejudicial, não contribui nada. Considero isso um tipo de cultura zero, abaixo de zero."

COMO REAGEM OS ALUNOS BRANCOS DIANTE DA HERANÇA NEGRA PRÓPRIA DA CAPOEIRA ?

S- "Sinto que eles se sentem negros na prática da Capoeira, aceitam ela negra, sem impor condições. Discutem problemas negros e se sentem ofendidos quando falam contra o negro."

QUAL A FILOSOFIA DA CAPOEIRA ?

S- "Se vier um pedaço de mundo em cima da gente, nós saímos, deixamos ele passar pra depois cair por cimadele. E a filosofia dos outros esportes é segurar o pedaço de mundo que vem por cima. Fica embaixo segurando pra depois quebrar. Então é um esporte forte pra forte. E a capoeira é o esporte de uma gente fraca, oprimida pra combater contra os fortes, respeitando os fracos."

A CAPOEIRA PODE FAVORECER NOSSA LUTA CONTRA O RACISMO E PELA CONSCIENTIZAÇÃO ?

S- "Pode. Por exemplo, aqui na Senzala temos 90% de alunos brancos, onde a maioria faz questão que a capoeira volte a ser o que era, ou seja, totalmente negra sem infiltração de outras raízes. ALÉM DA LUTA DOS QUILOMBOLAS EXIS-

TE UMA OUTRA ORIGEM DA CAPOEIRA?

S- "Eu mesmo estive conversando com um africano há 6 meses aqui no Brasil e ele me mostrou uns movimentos que são usados nas aldeias para enganar os animais e eu achei muito parecido com o jogo de Angolinha que é um jogo da Angola em que o homem fica rente ao chão jogando capoeira. A Capoeira tem uma série de jogos: São Bento Grande, São Bento Pequeno, Benguela, Idalina, Paraná, a própria Angola e mais outros jogos, e bem poucos capoeiristas atuais conhecem. Eu quero dizer isto que, além dos quilombos, ela veio da África - em forma de dança e ficou na senzala esperando uma maneira de ser."



E AS TRANSFORMAÇÕES NA CAPOEIRA APRIMOROU-A OU DEFORMOU-A ?

S- "As transformações melhoraram e ao mesmo tempo bagunçaram. A melhora: relacionamento estreito com jovens; chegou até os colégios; adquiriu novos elementos e novas técnicas. Agora, perdeu o sentido de rito, a criatividade, a lealdade, deixou de ser uma coisa espontânea. Hoje se chega numa roda de capoeira, se existe dez capoeiristas, é um só estilo, quando no passado eram 10 estilos."

EXISTE ALGUM ENVOLVIMENTO ESPIRITUAL ?

S- "No batismo que eu fiz agora em fevereiro, tinha uma senhora de Brasília assistindo o batismo do sobrinho dela. Quando

eu cheguei ela me falou: "O que é que você explica daquele pessoal que estava de vermelho?" Eu estranhei. Ela disse: "Na hora que vocês estavam sentados em torno da roda, por dentro dela tinha outro povo sentado, de vermelho." Aí perguntei pra ela: positivo ou negativo? Positivo, respondeu, estavam em festa com vocês. Quando a gente tem convicção que está fazendo uma coisa 60% mais ou menos, então a gente é retribuído.

QUAL A RELAÇÃO ENTRE ESTE ENVOLVIMENTO E A PERSEGUIÇÃO À CAPOEIRA?

S- "Olha, esse tipo de coisa eu tive assim, de uma maneira diferente realmente, sabe? Eu continuo afirmando que o branco tem medo do negro. Medo, medo, medo. Daquilo que você possa fazer. Porque nossas manifestações são fortes. Estremece qualquer estrutura de qualquer povo. Eles têm medo, então..."

A CAPOEIRA NASCEU NA LUTA PELA LIBERDADE. O QUE EXISTE ENTRE CAPOEIRA E A LUTA PELA LIBERDADE HOJE?

S- "Ela nasceu por falta de liberdade, por uma série de coisas que o homem na época não tinha direito. Em uma das danças do Candomblé foram introduzidos uns movimentos para que pudesse se defender e disfarçasse o sentido da luta. Hoje a capoeira - com liberdade está lutando pela sua sobrevivência e querendo ser aceita por toda a sociedade, não só como folclore, mas como um todo. Nós vivemos num mundo agitado aonde o homem está condicionado a um trabalho, numa correria. O homem passa a ser escravo do trabalho e duma série de coisas. Na prática da Capoeira ele irá se libertar de todos esses problemas."

O QUE SÃO "ANGOLA, REGIONAL, IUNA...?"

S- "Angola e toda a Capoeira. Iuna e um toque dentro da Angola. Regional, eu acredito num tipo de coisa desenvolvida por região que foi o Bimba que criou dentro de Angola este nome regional que pra mim deturpou a Capoeira, pelo fato de introduzir outros tipos de lutas dentro da Capoeira, onde a própria Capoeira não necessitava disto. Quer dizer, ele modificou para que a sociedade, a elite, aceitasse, entende? Angola só necessita da malícia, da mandinga, da criatividade de cada um e sem norma para esse tipo de coisa. Por esse motivo se torna difícil às pessoas praticá-la e a introdução da regional, acredito eu, foi uma maneira de fazer por onde as pessoas pobres em mandinga, malícia, a praticassem. BERIMBAU, ATABAQUE, PANDEIRO, AGOGÔ, O QUE REPRESENTAM NA HORA DO JOGO?"

S- "Berimbau é um instrumento sagrado na roda Capoeira. Ele é quem comanda todos os tipos de jogo. O atabaque nos dá o sentido dos nossos ritos. O pandeiro é o complemento dos dois instrumentos. O agogô bem poucos usam, quase não tem sentido na Capoeira."

SUA ACADEMIA DESENVOLVE OUTRAS ATIVIDADES?

S- "Desenvolvemos o Maculelê e outras atividades culturais. Porque a Capoeira é um todo, estamos de portas abertas."



POR QUE O NOME "MESTRE SOMBRA" ?

S- "Surgiu por acaso. O fato de me considerarem lento e difícil de ser acompanhado. Aquilo de vo cê ver a sua sombra na parede e você em movimento querer pegá-la. Sombra."

O TEMPO E O ESPAÇO NA CAPOEIRA, O QUE SÃO ?

S- "Tempo é o raciocínio, espaço é a abertura que deixa perante o jogo um passo em falso. É aquilo em que o pai dá uma oração de fecha-corpo e te diz: "Não passa em baixo de cerca de arame farpado, não atravessa o rio por dentro d'água. Você fazendo isso está de corpo fechado."

O QUE VOCÊ TEM A DIZER PARA AS PESSOAS QUE QUEREM FAZER CAPOEIRA?

S- "Se tem vontade de fazer, não se envergonhe, faça. Capoeira é liberdade. Capoeira é vida. Você tem capoeira dentro de ti. Procure por pra fora. Seja um capoeira consciente, praticando."

ACADEMIA DE CAPOEIRA SENZALA  
Rua Brás Cubas, 227/Santos

## *Como vai o movimento?*

Com o passar dos tempos tem por aí uma série de pessoas que desistiram de participar de qualquer forma de grupos ou atividades ligadas ao tal movimento negro. Estas pessoas em grande parcela alegam que no pé em que as coisas estão não vai é chegar a nada, que de conversa e discussão já estão cansados e que eles querem é trabalho efetivo. Enquanto não sai este trabalho estão aí na delas, cuidando única e exclusivamente de suas particulares vidinhas.

Quem deixou, é porque nunca esteve, ou melhor, participou como novidade, curtição ou mesmo desengano de consciência

e agora para se justificar a si e aos outros pergunta satiricamente: como vai o movimento?... Eu respondo: segue a sua marcha, enriquecido pela glória de sua participação.

- Mas eu não estou !

- Por isso mesmo.

H. Cunha Jr.

ACONTECE QUE A NEGRA ERA ADVOGADA...

..." Vamos fazer um relatório, um documento, e encaminhá-lo ao Conselho de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa e, em seguida, ao Minis da Justiça, para que, de uma vez por todas, se faça um movimento através da televisão, da imprensa falada e escrita, usando esses meios de comunicação para divulgar esse nefando comportamento de discriminação racial, que no Brasil não se justifica uma vez que 99 % da população brasileira é descendente de Negro; além do mais, a contribuição que o negro deu a este país é inegável. Não é necessário discorrer sobre isso, neste momento.

Acontece que esse zelador não sabia que a negra é advogada e o marido advogado do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo". (Trecho do discurso da Deputada Theodosina R. Ribeiro pronunciado em 15/08/79)

- E se não fosse !?...



## como tá nossa memória?

JM e Cuti

Era impossível que de onde vinha a exploração e a escravidão viesse a liberdade. Por isso as mãos africanas que construíram o Brasil enriquecendo a Europa se uniram na revolta e criaram Palmares. Esmagaram Palmares e o lucrativo negócio da escravidão foi mantido a ferro e fogo até que, pressionado por novos interesses internacionais, o Brasil iniciou um processo "lento, gradual e seguro" de desmontagem do esquema escravista.

Leis como dos Sexagenários e Ventre Livre fizeram parte dessa manobra cujo ato final foi a Lei Áurea que aboliu a escravatura. Então o 13 de maio nos foi imposto como o fato mais importante de nossa vida, como nossa principal data histórica. E passaram a ensinar a todos que iam à escola que a princesa Isabel era a redentora, a mãe de nossa liberdade. Mentiram, falsificaram a história.

Hoje sabemos que o fundamental de nossa história está nas memórias e lembranças de nossa gente, daí a importância de discutirmos nossa realidade. Preocupados com isso elaboramos algumas questões sobre o 13 de maio e sobre a proposta de algumas entidades de transformar o 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, na nossa principal data.

Seus pais ou avós lhe transmitiram algo sobre o 13? o que acha desta data, devemos comemorá-la? O que conhece sobre Zumbi e o que acha da mudança de datas? A estas questões as pessoas assim se manifestaram:

HELIAS DA SILVA GARCIA, artesão: Eu não tive esse tipo de informação, desconheço Zumbi. Treze de maio foi uma vitória, mas a morte de Zumbi é um marco também. Acho que ao invés de mudar temos que batalhar para criar mais datas importantes como essa do Zumbi".

ANA MARIA DA SILVA, empregada doméstica: Não me transmitiram nada. Comemorar o que? O negro é sempre o empregado, sempre essas coisas mais baixa. Sinto que o 13 de maio seria um dia da gente lembrar não só como comemoração mas um dia de prosseguir a luta, ver se o negro consegue um lugar melhor. Não concordo mudar a data. Sobre Zumbi eu não li nada; vou começar a ler a partir de hoje".

IVANILDO DE LIMA PACÍFICO, prensista metalúrgico: "Não tive nenhuma informação. Acho que isso é muito importante. Pra isso eu estou estudando, pra aprender mais e saber o que é importante daqui pra frente. Sobre Zumbi eu não sei nada. Nessa data aí (13/05) não é provável que o negro tenha tido liberdade, porque não tem mesmo".

LUIS CARLOS DE ILÁRIO, protético: "Não tive informação, mas não é porque não ouvi em casa que vou me acomodar. Também estou dentro da luta e vou pra frente. Treze de maio é como já foi discutido e não é porque a gente foi oprimido que vamos ficar o tempo todo encolhido. Eu acho que mesmo tendo barreira a gente tem que quebrar. Cada data deve ser comemorada no seu dia, cada um receber seu aplauso pelo dia que lutou.

DAGMAR GONÇALVES, empregada doméstica: "Meus pais nunca comentaram, nunca falaram nada. Comemorar o 13 eu não acho válido porque a gente não tem liberdade assim... Francamente, de Zumbi eu não entendo nada. Acho que sobre a data deve ficar as duas.

NELSON DE OLIVEIRA, supervisor de segurança: "Meu pai nasceu na Lei do Ventre Livre, filho de escrava com um português. Contava algumas histórias mas não tive informação nenhuma sobre a escravidão, nem sobre essa liberdade de 1888, que eu acho um pouco discutível. Treze de maio é um paliativo porque essa libertação que tocava pra nós não houve, não há. Não foi conquistada como queríamos, foi dada como quiseram. Mudar a data não tem lógica. O que deve mudar é nós negros, darmos mais de nós mesmo em matéria de comemoração para o 20 de Novembro.

DIOGO FERRAS DE ARRUDA, estivador: "Nenhuma informação, meu pai morreu eu tinha apenas 5 anos. Pra mim 13 de maio não foi libertação e sim um despejo. Sem casa, sem comida, sem meio de viver. Foi isso. E falamos por aí que a princesa Isabel deu a libertação pros nossos antepassados! Acho ótimo mudar a data. Se os brancos tem lá seu heróis, nós temos que festejar e contar nossa história. Hoje seu que Zumbi foi o verdadeiro baluarte da libertação, mas quando era pequeno o que eu ouvia dizer (minha avó falava) é que Zumbi era assombração ou diabo.

Era 1º de maio quando entrevistamos o Sr. Diogo e perguntamos: Fomos trazidos da África para construir o Brasil, trabalhando debaixo de pancada e ainda tem essa fama de que negro é vagabundo. O que acha disso? Ele respondeu: Vejo isso com bastante revolta. Tenho 23 anos de estiva, mas de sindicato só 8 anos. Não me sindicalizei antes porque não deixaram. Enquanto isso, na Rua Brás Cubas tinha o Bar Esportivo, de um português. Ele vendeu o bar num dia e no outro já estava sindicalizado como estivador.

TIA ISA, dona de casa, sócia-fundadora do Ébano (sociedade recreativa do pessoal da estiva) e madrinha da Escola de Samba Imperial: "Não recebi nenhuma informação porque não conheci meu pai, nem minha avó. Pra mim o 13 de maio significa a libertação dos negros. Zumbi, não conheço. Mudar a data não tá certo, porque foi no 13 de maio que teve a libertação.

# QUILOMBISMO

Na noite de agosto de 79, na sede do GREC Coimbra, precedendo a palestra sobre os Movimentos Negros na década de 70 nos EUA, por Michael Mitchell, cientista e pesquisador norte-americano, Abdias do Nascimento, pela primeira vez de público "apresentou" a tentativa da criação da ciência política do negro brasileiro. Ressaltou que

1 O Quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros objetivando a implantação de um estado quilombola, inspirado no modelo da República dos Palmares, que existiu no século XVI e outros quilombos que existiram no país.

2 O estado quilombola tem sua base numa sociedade livre, justa, igualitária e soberana. O igualitarismo é compreendido no tocante a raça, economia, sexo, sociedade, religião, política, justiça, educação, cultura, em fim em todas as expressões da vida em sociedade.

3 A finalidade básica do estado quilombola é promover a felicidade do ser humano. Para atingir a sua finalidade o quilombismo acredita numa economia de base comunitária cooperativista no setor de produção, de distribuição e de divisão dos resultados do trabalho coletivo.

4 O quilombismo considera a terra uma propriedade nacional de uso coletivo, as fábricas e outras instalações industriais, assim como outros bens e instrumentos de produção, da mesma forma que a terra, são de propriedade e de uso coletivo da sociedade. Os camponeses ou trabalhadores rurais, trabalhadores a terra e são os proprietários diretos das instituições agropecuárias. Os operários da indústria e os trabalhadores de um modo geral são os produtores dos objetos industriais e responsáveis pela gerência e orientação de suas respectivas u

se trata de um método de análise, interpretação, pesquisa e ação, calcado na história, na cultura, na experiência e na luta da raça negra no Brasil. Trata-se da ciência do Quilombismo, como define Abdias, da qual transcrevemos aqui princípios básicos por ele citados, e que prometeu enviar e fundamentar, em forma de documento, grupos e entidades interessadas em debatê-los.

nidades de produção.

No quilombismo o trabalho é um direito e uma obrigação social e os trabalhadores que criam

5 No quilombismo o trabalho é um direito e uma obrigação social e os trabalhadores que criam a riqueza de sociedade quilombola, são os únicos donos do produto do seu trabalho.

6 O sistema de governo no estado quilombola obedece aos princípios do igualitarismo democrático em todos os níveis de poder e de instituições

7 A educação e o ensino em todos os graus, elementar, médio e superior será completamente gratuita e aberta, sem distinção, a todos os membros da sociedade quilombola. A história da África, das suas culturas e civilizações e artes terão lugar eminente nos currículos escolares.

8 Visando o quilombismo a fundação de uma sociedade criativa, procurará estimular todas as potencialidades do ser humano à sua plena realização. Combater o embrutecimento causado pelo hábito, pela mecanização da existência e pela burocratização das relações humanas e sociais, será um ponto fundamental no programa quilombola. As artes em geral ocuparão um espaço básico no sistema educativo e no contexto da vida da sociedade quilombola.



**9** No quilombismo não haverá religiões e religiões populares, isto é, religiões de elite e religiões do povo. Todas as religiões merecem igual tratamento de respeito e de garantia de culto.

**10** O estado quilombola proíbe a existência de um aparato burocrático estatal que perturbe e interfira com a mobilidade vertical das massas e sua relação direta com os dirigentes. Na relação dialética dos membros da sociedade com suas instituições repouso o sentido progressista e dinâmico do quilombismo.

**11** A revolução quilombista é fundamentalmente anti-racista, anti-capitalista, anti-imperialista e anti-neocolonialista.

**12** Em todos os órgãos de poder do estado quilombola - legislativo, executivo e judiciário - a metade dos cargos de confiança, dos cargos eletivos e dos cargos por nomeação, deverão obrigatoriamente serem ocupados por mulheres.

**13** O quilombismo considera a transformação das relações de produ-

ção, assim como as sociedades de um modo geral, por meios não violentos e democráticos, uma via possível.

**14** É urgente a necessidade de organizar uma instituição econômica-financeira em moldes cooperativos, capaz de assegurar a manutenção e a extensão da luta quilombista, a salvo das influências controladoras do paternalismo, assim como das pressões do poder econômico capazes de desfigurarem e limitarem a independência do movimento.

**15** Como tarefa prioritária o quilombismo deve criar uma instituição educativa, abrangendo os níveis elementar, médio e superior, cujo ensino enfatize a história, a cultura e a civilização africana, tanto no continente como na diáspora.

**16** O quilombismo é basicamente um defensor da existência humana. Em consequência disso ele se posiciona contra a poluição ecológica e favorece todas as formas de melhoramento ambiental que possam assegurar uma vida saudável às crianças, aos homens e às mulheres.

Em seguida Abdias anunciou que em breve será publicado, em outro trabalho, a fundamentação desses princípios, inclusive um ABC do quilombismo.

## *a lei? Ora a lei!*

"Lei nº 2.040 de 28 de fevereiro de 1871 - Declaração de condição livre dos filhos de mulher escrava que nasceram desde a data desta lei, libertos os escravos da nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos negros e sobre a libertação anual de escravos".

Vulgo "Lei do Ventre Livre" que a maioria de

nós, num gesto automático de quem decora uma lição, dizemos: a lei-que-torna-livre-desta-data- os-filhos-de-mulher-es- crava. É só. Por que muita coisa ficou sem nos ser dita.

Não nos disseram por exemplo, que a lei promulgada um ano depois da epidemia de cólera que vitimou mais de 100.000 escravos (há quem afirme

que o número de mortos é muito maior).

Não nos disseram que estas crianças negras nascidas "livres" podiam ser resgatadas, em comum acordo com o senhor proprietário da mãe delas, por indivíduos, instituições ou organizações que se encarregassem da sua criação.

Até aí nada demais. Poderíamos pensar que se

deríamos pensar que setrava de um gesto de caridade cristã. Qual o quê, depois de criado, deveria prestar serviços ao seu "senhor" para cobrir as despesas da sua criação. Exisita por lei um pagamento simbólico em dinheiro que ficava depositado até que atingisse amioridade. Na realidade houve muitas organizações-fantasmas criadas só para para receber dinheiro oficial, que recolhiam as crianças para depois deixá-las morrer de fome. Quanto aos particulares, tanto o tratamento como o destino não foram muito diferentes.

Não nos disseram que, muitos senhores arrancaram as crianças de suas mães, largando-as às portas das igrejas, hospitais e conventos, ou nas "organizações" destinadas a recebê-los. A razão é simples; ficavam com as mães livres para serem alugadas como amas-de-leite (mãe preta dá lucro!) ou colocá-las a serviço como prostitutas (a negra dá lucro!).

Mas não só da libertação das crianças fala a lei. Fala da libertação dos escravos da Nação, isto é, do governo (escravo nos serviços públicos, ou recebidos pelo governo como herança), que só foi vantajosa porque não davam rendimento, e outros.

Para os outros criaram-se juntas de Alforria, cuja criação foi inspirada, vejam só, nas organizações de escravos, como a de Chico Rei no século XVIII (1700) em Minas Gerais. E não nos disseram nada...

É, mas a liberdade não foi coisa concedida sem mais, existia a condição

de que o escravo alforriado continuasse prestando serviços por mais dois, quatro até sete anos como pagamento do que recebera do senhor. Imaginem só, pagar o que usufruiu como escravo... É óbvio que o resultado prático da alforria desta maneira, se anula.

E tem mais, a maior parte dos negros alforriados, eram doentes, velhos sem condição de trabalhar mais, aleijados, etc.

Claro que o escravo podia apresentar reclamação para o juiz da comarca a que ele estivesse adstrito, denunciando o senhor pelo não cumprimento da lei. Mas convenhamos, com o juiz e o senhor fazendo parte da mesma panela, que oportunidade real tinha o escravo reclamante, senão receber mais chibatadas?

O espancamento como exemplo, dos escravos que ousaram fazer queixas do senhor, foi a regra geral no período.

Não nos disseram muita coisa, e o acesso à documentação que contam a nossa história só agora está sendo feito.

Mas convém saber que a lei só foi aprovada,

após violentos debates de parlamentares, por duas razões fundamentais: primeira, o medo de uma intervenção por parte da Inglaterra (que era contra a escravidão por conveniência própria - além das enormes dívidas que tinha o Império brasileiro nos bancos londrinos); a segunda, e que nos parece fundamental, o medo de uma eventual insurreição de escravos, tal como estava ocorrendo nas Antilhas. O que inclusive a sinistrose que desde muito tempo ataca "nossa" elite dominante.

Na prática esta lei não funcionou. Três anos após sua criação o fundo de emancipação não tinha sido utilizado.

No fundo, em virtude de pressões externas, foi só mais uma maneira de protelar a abolição. Que ainda era vantajosa.

Assegurava-se portanto, para utilizarmos uma expressão que não é de hoje mas está muito em moda, que a abolição fosse lenta e gradual para que "não ofendesse o direito de propriedade e não abalasse a nossa primeira indústria, a agricultura".

É, não nos disseram... Mas, quem tem que dizer não somos nós?!?



**25 - cartas - cartas - cartas - cartas - cartas**

A coisa de um mês, enviei uma carta a vocês, solicitando informações de como deveria proceder para ser assinante do JORNEIRO... Agradeço a vocês pela atenção que me dispensaram e garantindo a vocês que terão em mim um divulgador do Jornal. Mais uma vez muito obrigado. Edmar A. de Jesus/DIA DEMA-SP

Oi Jornegro. Tudo bem? Espero que sim. Olha eu estou escrevendo para vocês me fazerem o favor de mandar o endereço dos lugares onde posso comprar os seguintes livros: Lamentos só Lamentos - Bélsiva; Memória da Noite - Abelardo Rodrigues e todos os outros livros. Antonia A. Fulgêncio/SP.

Você poderá encontrá-los na Rua Maria José, 450 - Bela Vista.

Gostaria, se possível, maiores informações de como proceder para me tornar assinante deste jornal. Maria Francisca Paranhos/SP.

Desejando ser assinante deste jornal, solicito maiores informações... Alberto Magno dos Santos/São Gonçalo-Rio.

Será que viramos choramingões? O sofrimento sentido, o sofrimento que sentimos e o sofrimento que sentiremos não deve constituir um lamaçal do qual nunca sairemos, e sim estacas para uma nova construção. Caros amigos da FEABESP; não li uma notícia de formatura de jovens negros, nem tampouco de calouros. Vários Ministérios têm listagens de concursos, e de empregos.

Agricultura em foco, interessa profundamente dar uma formação ao pequeno agricultor, ao sitiante da faixa que pertence a nossa gente.

Lamentos, lamentos; Quando vocês irão parar? Iracema de Almeida /SP - Presidente do GTPLUN.

A ascensão social de uns quase sempre mascara a dificuldade de muitos. Já não se trata apenas, de entrar na universidade e nela se "formar", mas, ter a noção do afastamento e da inconsciência do sucesso pessoal. Lamentos? As verdadeiras estacas para a construção, só serão firmadas, sobre o cadáver do individualismo estéril. Enquanto está difícil chegar ao agricultor, continuamos plantando o mutirão.

**ASSINATURA**

NOME.....

ENDEREÇO .....

CEP.....CIDADE.....ESTADO.....

Envie Vale Postal ou Cheque Nominal no valor de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros) em nome da FEABESP, para Caixa Postal 2.686 - CEP 01.000 São Paulo/SP. Esta assinatura é válida por um ano. Você receberá um exemplar grátis.

# ESBOÇO

O meu braço  
 laço e corte  
 é machado-foice-pau  
 O meu braço  
 é cimento  
 é concreto-britadeira  
 é parada infernal  
 sou a fome em sua  
                                   porta  
 Sou tocaias nas es-  
                                   quinas  
 olha o cano  
 olha o punhal  
 Sou o asco  
 Sou só casca  
 Sou o nó que não de-  
                                   sata  
 Sou notícia de jornal  
 Não aceito mais açoite  
                                   te  
 sou orgulho sou bra-  
                                   vata  
 Sou açúcar sou o sal  
 Sou suor pelota e gra-  
                                   ma  
 Sou cansaço coração  
 sou a válvula de escape  
 pro seu ódio coração  
 Eu sou ginga melodia  
 berro couro alegria  
 todo ano carnaval  
 Sou madeira que não verga  
 Sou o dia sou a noite  
 Não faz mal



PAULO COLINA; contista e poeta, é mais um valor literário que surge. Tem dois livros de contos em vias de publicação. É também um dos participantes do próximo Cadernos - Negros - 2 - Contos.